

ESTÁGIO UNIVERSITÁRIO EM MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA REGÊNCIA NA PRÁTICA ESCOLAR

AUTORAS:

Flora Camargo Gurfinkel
Veridiana Gonçalves Dias

RESUMO

Este relato de experiência apresenta os desafios do estágio universitário na área de educação musical em uma EMEI¹, localizada na Zona Oeste do município de São Paulo. Para a elaboração das atividades, procurou-se levar em consideração as trocas de saberes e experiências musicais entre professoras, estagiárias e crianças, baseadas nas propostas pedagógico-musicais de Hans-Joachim Koellreutter (1997) e Teca Alencar de Brito (2001; 2003; 2019).

PALAVRA-CHAVE

Relato de experiência; estágio universitário; educação infantil; propostas pedagógico-musicais.

ABSTRACT

This experience report aims to present the challenges of university internship in the area of musical education in an EMEI (short for Municipal School of Early Childhood Education in Portuguese). For the elaboration of activi-

¹ Escola Municipal de Educação Infantil

ties, we sought to consider the knowledge and experience exchanges between teachers, interns and children, based on the propositions on musical pedagogy of Hans-Joachim Koellreutter (2001) and Teca Alencar de Brito (2001; 2003).

KEYWORDS

Experience report. internship; early childhood education; propositions on musical pedagogy.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo foi produzido a partir de uma experiência de estágio em uma Escola de Educação Infantil (EMEI), localizada na Zona Oeste do município de São Paulo. A instituição referida possui propostas bastante articuladas entre ensino curricular e saberes cotidianos. Rodeada de parques para brincar de aprender, o Projeto Político Pedagógico da escola busca estimular o desenvolvimento de uma identidade plural partindo do resgate da cultura da infância até as produções elaboradas pelas turmas. Seu calendário é preenchido por fes-

tas que procuram valorizar diferentes manifestações populares brasileiras, tecendo compartilhamentos e memórias em busca de um processo educativo heterogêneo.

Nesse espaço desenvolveu-se o estágio universitário, em um período de cinco meses, tempo relativo ao cumprimento da disciplina “Metodologia de Ensino de Música II com Estágio Supervisionado”, que integra o currículo de Licenciatura em Música da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Nota-se que se trata de uma experiência bastante breve, mas que destaca uma textura densa de encontros, aprendizados e (des)construções.

O estágio da disciplina tem como requisito a elaboração de uma série de propostas para a regência das estagiárias² na escola escolhida. As atividades musicais sugeridas foram desenvolvidas com duas turmas de crianças de quatro a seis anos, em encontros de em média trinta minutos, uma vez por semana. As estagiárias atuaram em parceria, baseando-se

² As estagiárias são as autoras deste relato de experiência.

nos jogos de improvisação retirados do livro Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical (BRITO, 2001) como forma de trabalhar as relações entre corpo, escuta e movimento, assim como na exploração sonora de timbres e ritmos, a partir da criação de instrumentos de sucatas.

No decorrer dos encontros, o objetivo concentrou-se em ampliar as vivências musicais das crianças através de experiências que valorizassem o seu próprio fazer musical. No ambiente da pré-escola predominavam formas musicais tradicionais³, como canções de roda e brincadeiras cantadas. Apesar da grande riqueza desse repertório – notou-se que as crianças tinham extenso conhecimento sobre a música tradicional infantil, além de gêneros como o samba, o jongo e os cantos de trabalho – percebeu-se que condutas musicais mais livres, como improvisos e explorações sonoras poderiam trazer novos horizontes para as turmas.

³ Por tradicional, entende-se, aqui, canções populares, de tradição oral

2. PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

A EMEI frequentada pelas estagiárias conta com turmas de vinte a trinta alunos por sala, em média. Fundada em 1955, sua estrutura caracteriza-se por pequenas salas de aula, porém com um amplo espaço externo, contando com parques, casa na árvore, pista de motocicletas e brinquedos, apresentando múltiplas possibilidades de ocupação. O Projeto Político Pedagógico é voltado ao protagonismo infantil e à cultura da infância.

A comunidade escolar contribui para o funcionamento da escola, familiares e parceiros se envolvem na preparação de festas e na elaboração de projetos extracurriculares. Com o apoio da coordenação pedagógica, também engajada com os programas de estágio, todas na escola foram estimuladas a compartilhar seus saberes e experiências com as estagiárias, desde as crianças até as professoras.

A estrutura do estágio universitário em questão apresenta pecu-

liaridades quanto à relação entre os sujeitos presentes: professoras, estagiárias e crianças. Embora as estagiárias preencham o espaço escolar ao ministrar suas atividades musicais, não compõem o corpo docente e são vistas de forma diferenciada pelas crianças. No processo descrito, como indicado na introdução, as turmas foram acompanhadas por uma docente que exercia função de pivô entre as estagiárias e as crianças. Portanto, os combinados frente à responsabilidade, uso do espaço e execução de propostas foram acordados previamente com essa professora de classe, preceptora do estágio.

Os desafios iniciais se apresentaram durante o planejamento das atividades, já que a primeira etapa do estágio da disciplina é definir previamente objetivos, propostas e bibliografia, e apresentá-los à coordenação pedagógica da escola. Entretanto, no início, as estagiárias não tinham nenhum conhecimento sobre as turmas e a instituição escolar.

Considerando o contexto apresentado, as estagiárias optaram por

elaborar propostas mais amplas, ressaltando a importância da pesquisa sonora, dos improvisos, da criação e exploração de timbres dos instrumentos de sucata presentes na escola. Para isso, contaram com a execução de jogos de improvisação propostos por Koellreutter (1997) e Brito (2003). Após aprovado pela coordenação pedagógica, o estágio foi realizado em duas etapas: (1) observação e análise; (2) experimentação de atividades.

3. OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DOS ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA

Durante os meses de observação, as estagiárias se infiltraram no cotidiano escolar uma vez por semana, cada uma com uma turma. As atividades na escola se dividem conforme o uso dos espaços, com revezamentos entre as turmas. Deslocando-se para ambientes como tanque de areia, brinquedões⁴, quadra de esportes, minhocário⁵, pista de motocicletas, ateliê de artes visuais, casa

⁴ Brinquedos de parque, como: escorregador, trepa-trepa, balanços.

⁵ Composteira.

Figura 1 – Casa na árvore



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

na árvore (Figura 1), horta coletiva (Figura 2), parque sonoro⁶ (Figura 3) e as próprias salas de turma,

⁶ Espaço criado na escola através do projeto Parques Sonoros na educação infantil paulistana, que integrou à Política Municipal para o Desenvolvimento Integral da Primeira Infância na Cidade de São Paulo - São Paulo Carinhosa, através do Decreto nº 54.278 de 28 de agosto de 2013.

Figura 2 – Horta Coletiva



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

onde ocorriam rodas de conversa⁷ e momentos de brincadeiras. Dessa forma, as estagiárias adentraram in loco como participantes dos jogos e atividades, permitindo uma aproximação mais orgânica e voluntária com as crianças.

Os ambientes estimulam a brincadeira a partir do compartilhamento do espaço e dos brinquedos, sendo sempre requisitado que as crianças os organizassem depois de brincar.

⁷ As rodas de conversas consistiam em momentos de conversas coletivas entre a professora e as crianças, na sala de aula.

O trajeto de motocicletas empenha no exercício do respeito aos acordos pré-estabelecidos para circulação, o minhocário propõe uma relação mais recíproca com a natureza, a aula de artes à criatividade e a exploração livre, e as rodas de conversa incitam o diálogo e a democracia da turma. É importante destacar que projetos para os usos do espaço foram construídos a partir de acordos com as próprias crianças, também com a colaboração das famílias e voluntários.

Os valores apresentados às estagiárias através desses meses de convivência ajudaram a direcionar o caminho das propostas pedagógicas, como no caso do uso dos instrumentos musicais já presentes na escola – alguns industrializados, outros confeccionados a partir de sucatas – que ampliaram as possibilidades de atuação inspirando as estagiárias a novas propostas.

Durante a observação, as estagiárias se ocuparam em coletar

Figura 3 – Parque sonoro



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

informações necessárias para a elaboração de propostas adequadas ao contexto da turma. No caso dessa EMEI, é importante salientar que, embora não disponha de aulas de música no currículo formal, a vivência musical é abundante, estando presente no repertório de canções nas festas escolares, no costume de realizar pequenos cortejos musicais no trajeto entre os seus espaços, até no estímulo à escuta de músicas durante as aulas de artes visuais e nos horários de brincadeira.

3.1 EXPERIMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES

Após o período de observação e análise, o planejamento apresentado à coordenação já estava reformulado com outras demandas; foram propostos onze encontros práticos entre estagiárias e turmas. No início, o desinteresse de algumas crianças em relação às atividades propostas trouxe desafios. Levando em conta esse cenário, as estagiárias passaram a ressaltar que a participação era facultativa, impactando um fenômeno oposto de crescente adesão

dos estudantes aos encontros, agora por interesse próprio.

As propostas elaboradas procuraram envolver o corpo, o movimento e a expressão, a partir da criação coletiva e, como já foi citado, inspiraram-se nos modelos de improvisação de Hans-Joachim Koellreutter (BRITO, 2001). Jogos como O Palhaço (BRITO, 2001, p. 104-110), Solo-fantasia (BRITO, 2001, p. 111-113) e Sinal Verde/Sinal vermelho (BRITO, 2001, p. 169-171) foram utilizados com o objetivo de estimular o diálogo musical entre os participantes, a contraposição entre pulsos, dinâmicas e densidades. Outro eixo apresentado nas propostas foi o das explorações sonoras, estimulando a pesquisa de timbres dos instrumentos musicais de sucatas, apoiados nas pesquisas realizadas por Teca Alencar de Brito (2003). Apesar das estagiárias seguirem por esses dois eixos – Jogos de Improvisação e Explorações Sonoras – buscaram sempre permear o ambiente com escutas de um repertório diversificado de músicas, retirando algumas canções dos projetos do gru-

po Mawaca⁸, como a faixa Salama-
lekum, do álbum Os Lusíadas (2010).

As propostas foram sendo construídas a partir da prática, caminhando junto com a teoria. As atividades foram modificadas constantemente durante sua prática. O diálogo entre os sujeitos era uma condição fundamental para as experiências musicais, acatando as ideias e sugestões fornecidas pelas crianças. Apesar do planejamento prévio, alguns fatores influenciavam a execução das atividades: o cansaço do cotidiano escolar e os conflitos na convivência entre os colegas da turma, demandaram mudanças no planejamento. Dessa forma, a conduta mais adequada foi manter os ouvidos abertos para mudanças a partir das percepções da turma (SCHAFER, 2011).

O breve tempo do estágio foi limitante para o aproveitamento da experiência. Um dos desafios metodológicos do estágio universitário é estabelecer um processo sólido em meio a uma estrutura escolar já consolidada, com projetos concomitan-

⁸ Mawaca é um grupo musical que pesquisa e recria músicas de diversas partes do mundo.

tes, aulas extracurriculares, preparação de festas e apresentações, entre outros atravessamentos.

3.2 PROFESSORAS

As professoras perceptoras do estágio, cada uma responsável por uma das turmas trabalhadas, colocaram-se na maior parte do tempo como observadoras-participantes (MARCONI; LAKATOS, 2010 apud MARQUES, 2016) durante as intervenções das estagiárias. A escolha dessa postura foi favorável para ambas, pois enquanto as estagiárias foram aprendendo a ganhar mais autonomia sobre suas práticas, as docentes perceptoras puderam usufruir da experiência também como um aprendizado para o desenvolvimento de trabalhos posteriores.

Por outro lado, houve certa quebra de expectativa das docentes quanto à execução de algumas propostas em relação às percepções dos resultados das atividades musicais. Durante as propostas de explorações sonoras, uma das docentes explicitou uma aflição em relação às atividades que gerassem processos anárquicos

de experimentação, ruídos e sobreposição de pulsações, levando, a princípio, a um estranhamento. Podemos dizer que essas percepções não são incomuns e estão presentes nas visões de muitas famílias, professores e até educadores musicais que seguem tendências tradicionais. Foi revelado, porém, através de pesquisas (BRITO, 2003, 2019; DELALANDE, 2019), que atividades de improvisação, exploração e pesquisas sonoras são benéficas e expandem a vivência musical das crianças. Como sucinta Brito (2003, p. 152): “Por meio de jogos de improvisação, as crianças se expressam musicalmente e dão aos educadores a oportunidade de observar e analisar como elas ouvem e percebem, como se relacionam”.

Certo dia, em meio à realização de um jogo de improvisação em camadas, no qual cada criança era incitada a tocar com os chocalhos um som repetidamente, até que todas se juntassem tocando, um aluno criou um som que não seguia a pulsação criada pelos colegas anteriores. A professora então interveio fisicamente no seu movimento, alterando-o para

produzir um som dentro da pulsação anterior, e, assim, imitar os movimentos dos demais.

Esse acontecimento provocou questionamentos sobre a percepção da música realizada pelas crianças – que nem sempre é semelhante ao repertório tradicional – na escola pública de educação infantil. É preciso salientar que muitas propostas elaboradas por essa professora possuíam um rico caráter artístico, como dinâmicas de escuta, práticas de canto coletivas, desenho, pintura e colagem. Porém, assim mesmo, identifica-se uma dificuldade em perceber os impactos de sua intervenção – que levou a criança apenas a imitar – pela predominância de uma visão tradicional de música: uma questão de ordem comum, não individualizada, tanto em meios externos a instituições de ensino de música quanto dentro delas próprias.

3.3 ESTAGIÁRIAS

As estagiárias tentaram adotar uma postura democrática em meio ao grupo, utilizando como principal recurso o revezamento dos papéis de

lideranças durante as atividades – as crianças foram convidadas a opinar e exercer papéis centrais nos jogos – motivadas a se expressarem livremente, assim como assumirem tarefas essenciais para o funcionamento das dinâmicas.

Dessa forma, as estagiárias adotaram tanto o papel de observadoras não-participantes nos momentos em que a liderança circulava para outras pessoas, quanto o de participantes, quando intervieram inserindo-se nas atividades musicais (MARCONI; LAKATOS, 2010 apud MARQUES, 2016). A autorreflexão influenciou no processo de aprendizado, visto que decidir integrar-se ao fazer musical equipara seus protagonismos ao das crianças, confrontando os distanciamentos e hierarquias pré-definidas pelo sistema escolar a partir da partilha da responsabilidade sobre o processo educativo com os próprios educandos.

Um desafio que se apresentou durante as práticas musicais grupais, foi o gerenciamento dos combinados de revezamento entre momentos de

tocar e escutar. Assim como em outras práticas pedagógicas, os acordos nas aulas de música foram selados entre as estagiárias e a turma. Entretanto é difícil lidar com os impulsos e tentações quando as crianças são expostas a instrumentos desconhecidos ou pouco explorados, pois seus desejos individuais acabam sobrepondo-se aos coletivos, e tocam ao mesmo tempo em que outras pessoas falam. Um dos maiores desafios apresentados às estagiárias durante o estágio, foi equilibrar os dois interesses, grupais e individuais.

3.4 CRIANÇAS

O cotidiano sonoro das crianças fornece pistas acerca de suas vivências, contribuindo para a formação de identidade da turma a partir de seus compartilhamentos. Pensando nesse cenário, foram formuladas propostas que estimulam a tomada de consciência frente a hábitos coletivos, como: a ausência de escuta dos colegas, o costume de gritar com frequência para ser escutado e a desvalorização dos momentos de silêncio relativo da turma. Essas atividades fo-

ram utilizadas como recursos para a percepção e apreciação sonora, bem como promovem um ambiente escolar mais saudável auditivamente. Schafer (2011, p. 55) acrescenta em seus trabalhos e propostas pedagógicos musicais que “os olhos podem focalizar nossa vontade, enquanto os ouvidos captam todos os sons do horizonte acústico, em todas as direções.”

A experiência de trabalhar em sala de aula com média de vinte a trinta crianças diante de uma única proposta musical, trouxe o desafio da busca de atividades que fossem igualmente empolgantes e interessantes para todos em um mesmo momento. Porém, sabe-se que não é tão simples assim, e que os resultados dependem de vários fatores: estado emocional, interesses pessoais, relação com o grupo, diversidades culturais e de pensamento. Ou seja, para evitar a frustração, as propostas foram colocadas não como uma obrigação, mas como um convite ao fazer musical para os que vissem sentido em juntar-se ao grupo naquele momento (GALVÃO, 2004). Aos poucos, as crianças despertavam e sentiam-se à vontade para participar.

Figura 4 – Instrumentos musicais



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Na vivência da EMEI, prevalecia o incentivo ao repertório de canções brasileiras, trazendo às crianças as músicas como Tá Caindo Fulô, Jacaré Poiô⁹, Jabuti¹⁰, Olaria do Povo, Rosa Menina e Canto da Sereia¹¹, acompanhadas por pequenas alfaias e outros instrumentos musicais (Figura 4) que marcavam a pulsação durante os cortejos, festas e até mesmo na própria sala de aula. O repertório brasileiro incentivado pela escola era rico e variado. Atividades, porém, que tinham como fim o próprio processo de experimentação musical sem finalidades pragmáticas, como apresentações para a comunidade nas festas escolares, geravam um certo estranhamento.

É importante reconhecer a forma que a criança expressa sua musicalidade, de modo que se deixem fluir suas interações criativas com o mundo que está descobrindo. Isso não significa satisfazer suas vontades sempre, mas valorizar suas ideias em meio ao grupo e estimular sua imaginação. O fato de a criança não ter todos os seus desejos mate-

⁹ Cantigas Populares Brasileiras

¹⁰ Cacuriá de Dona Teté

¹¹ Canções do Grupo Cupuaçu

realizados, mas ainda sim acreditar nas suas possibilidades, pode fazer com que a imaginação se desdobre, atuando como mediadora entre desejo e frustração (SOUZA, 1996).

A escuta é então uma ferramenta importante, presente na EMEI tanto no ambiente de diálogo como durante a apreciação de diversos repertórios musicais trazidos pelas estagiárias – como as canções do grupo Mawaca – incentivando o reconhecimento do outro através do silêncio como seu potencializador

(BRITO, 2003). As atividades que trabalham o escutar, como propõe Brito (2003), também impactam na dinâmica do grupo fora das aulas de música, pois é “pela escuta musical, aquelas crianças se aproximaram do outro e, ao mesmo tempo, de si próprias, num exercício de respeito, reconhecimento e valorização” (BRITO, 2003, p. 194). A EMEI é o início da construção das relações pessoais com a instituição escolar, por isso a importância de que o processo de aprendizado se dê da melhor maneira possível respeitando os direitos das crianças.

É importante ressaltar que, assim como é fundamental respeitar o tempo de aprendizado das crianças, é necessário compreender as individualidades das professoras, considerando que possuem prioridades, pesquisas, formações e visões diferentes e por isso não tomam uma postura neutra sobre os fatos (MARQUES, 2016). Sua atividade será influenciada por sua identidade, optando por determinado currículo ou metodologias de ensino.

Essa característica destaca como a pluralidade de educadoras e colegas possibilita um repertório cada vez mais amplo de saberes e, portanto, mais tolerante. Para tanto, é importante para ambas – educadoras e estagiárias – manterem-se atentas às diversidades de identidades presentes na sala de aula.

4. DESCRIÇÃO E REFLEXÃO SOBRE EXPERIÊNCIA

Dentro das propostas pedagógico-musicais, uma das possibilidades para construir uma atmosfera mais segura e confortável, estimulando sua diversidade, foi trazer repertórios musicais de origens diferentes para serem ouvidos, sentidos e incorporados. Procurou-se incentivar diversos fazeres musicais, através da apreciação, exploração e improvisação, ampliando o repertório das crianças para além do que costumam ouvir em suas casas e nos espaços que frequentam.

Durante um dos encontros, foi proposto que todos escutassem um repertório organizado pelas estagiárias: ao som de um forró, algumas

crianças dançaram de acordo com os passos característicos do gênero, recriando uma coreografia em pares e demonstrando familiaridade com a música, destacando experiências antecedentes relevantes a serem consideradas/incluídas/revisitadas.

4.1 AQUECIMENTO DOS OUIDOS

Na proposta musical nomeada Morto/Vivo/Zumbi, as crianças foram incitadas a abaixar, permanecerem em pé ou imitarem um zumbi, respectivamente, de acordo com os sons produzidos pelas estagiárias. Para tal, utilizaram a alfaia como referência para o grave, apito para o agudo, e a meia-lua para o zumbi. O jogo começou com todos de olhos abertos. Aos poucos, todos experimentaram fechá-los, estimulando a autoconfiança e aguçando a escuta. Esses exercícios foram utilizados no início das aulas, provocando as crianças a se concentrarem nas atividades.

4.2 JOGOS DE IMPROVISAZÃO

Após o aquecimento, as estagiárias apresentaram jogos que incentivassem o improvisado e o reconhecimento de si mesmo e do outro.

Para tanto, utilizaram-se de adaptações dos jogos de improvisação das obras Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical (BRITO, 2001) e Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança (BRITO, 2003), com atividades que se assemelhavam à improvisação em camadas, descrita no tópico 2 do texto. O acesso a instrumentos de materiais e sucata variados presente na escola ampliaram as possibilidades de atuação das estagiárias, assim como das crianças, para explorar as sonoridades e os timbres. Outros jogos de improvisação foram adaptados, como o Jogo do dorminhoco¹² e a Brincadeira do rio (BRITO, 2019, p. 90).

4.3 EXPLORAÇÃO DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS

Nos momentos de explorações, assim como na maioria das dinâmicas, as crianças sentavam-se em roda, no chão, junto às professoras e estagiárias, e através de propostas guias procuravam descobrir formas diferentes de tocar os instrumentos,

¹²Jogo de improvisação criado por Teca Alencar de Brito.

texturas sonoras variadas, intensidades e variações rítmicas.

A partir das práticas, as estagiárias iniciavam uma conversa sobre os sons, relativos ao tipo do material que o instrumento é produzido, as possibilidades timbrísticas da relação do corpo com instrumento, assim como outros objetos da sala utilizados como intermediário para a produção do som. Outros temas que apareceram na conversa foram o tamanho dos objetos, e como isso influenciava seus sons. Dessa maneira, foi chamada a atenção para questões referentes às qualidades dos sons, ampliando a percepção das crianças com relação a esses fenômenos.

Essas propostas visam expandir os conceitos assimilados pelas crianças em relação a estética da música tradicional, desafiando as percepções a partir do olhar, com variações das práticas com os olhos vendados, assim como do empoderamento das individualidades a partir da valorização de toda forma de música ou composição sonora. Dessa forma, as estagiárias procuraram incentivar a

pesquisa das crianças em seus fazeres artísticos, valorizando e incluindo os saberes prévios da turma, presentes no incentivo e pesquisa da escola ao repertório de canções populares e de roda, mas ressaltando outras formas de fazer música.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência na pré-escola foi bastante rica, buscando ampliar as vivências sonoro-musicais de crianças e professoras, dentro dos limites da duração do estágio. Ao mesmo tempo, foi benéfica para as estagiárias, que aprenderam a respeito de inúmeros aspectos – conflitos, discussões, interações e brincadeiras – ao observar o cotidiano de uma escola que oferece espaços e propostas pedagógicas diversificadas.

A intenção das estagiárias foi tentar expandir as possibilidades de vivenciar a música. Acredita-se que os gêneros musicais tradicionais, como canções de roda e brinquedos cantados, diversos e ricos no contexto dessa escola especificamente, têm grande importância no processo de

educação musical. Sendo assim, procurou-se acrescentar ainda mais propostas de outras naturezas, com os enfoques de improvisação e exploração, na tentativa de obter as experiências musicais mais diversas possíveis.

Os espaços da escola oferecem várias maneiras de interação, e assim buscou-se fazer com as práticas musicais. Apesar do estágio se apresentar como uma experiência breve, proporcionou outras formas de contato com a música, assim como aprendido sobre as trocas e percepções de mundo, entre crianças, estagiárias e professoras. Foi perceptível para as estagiárias a importância do estágio universitário em seus moldes, considerando que a realização de três semestres de estágio obrigatório – como os requisitos presentes no currículo de graduação em licenciatura em música da Universidade de São Paulo – permitem explorar diferentes vivências e práticas escolares na rede pública, semeando através de pequenas propostas pedagógicas musicais, ideias que poderão ser transformadas e multiplicadas pelas professoras de cada escola.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Teca Alencar de. Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Peirópolis, 2001.

_____. Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis, 2003.

_____. Um jogo chamado música: música, experiência, criação, educação. São Paulo: Peirópolis, 2019.

DELALANDE, François Michel. A música é um jogo de criança. São Paulo: Peirópolis, 2019.

GALVÃO, Izabel. Cenas do cotidiano escolar: conflito sim, violência não. Petrópolis: Vozes, 2004.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. Encontro com H. J. Koellreutter. [Entrevista cedida a] Carlos Kater. Cadernos de estudo: educação musical, n. 6, Belo Horizonte: Atravez, p. 131-

144, 1997. Disponível em: <https://www.carloskater.com.br/caderno-de-estudos>. Acesso em: 07 jul. 2021.

MARQUES, Janote P. A "observação participante" na pesquisa de campo em Educação. Educação em Foco, [S. l.], v. 19, n. 28, p. 263-284, 2016. DOI: <https://doi.org/10.24934/eef.v19i28.1221>. Disponível em : <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1221>. Acesso em: 7 jul. 2021.

MAWACA. Os Lusíadas. São Paulo: Ethos Music, 2010. 1 CD.

SCHAFER, M. R. O ouvido pensante. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
SOUZA, Solange Jobim. Ressignificando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMER, Sonia.

LEITE, Maria Isabel. (org.). Infância: fios e desafios da pesquisa. Campinas: Papyrus, 1996. p. 39-55.

Flora Camargo Gurfinkel

Graduanda em Licenciatura em Música na Escola de Artes e Comunicações da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Bolsista do Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo junto ao Programa de Residência Pedagógica da Capes – Subprojeto Arte. Membro da Rede Sonora: músicas e feminismos. floracamargogur@gmail.com

Veridiana Gonçalves Dias

Graduanda em Licenciatura em Música na Escola de Artes e Comunicações da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Bolsista do Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo do Projeto de extensão Sabiá Laranjeira. veridiana.dias@usp.br